



E O PALHAÇO O QUE É...?

Fragmentos das vivências do projeto Tholl Alegria em instituições hospitalares na cidade de Pelota/RS.

Flávio Mendes – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
mendesmusica@outlook.com

Conexões entre Etnomusicologia e Educação Musical: musicalidades, práxis de resistência e caminhos decoloniais

GT 14 - Conexões entre Etnomusicologia e Educação Musical

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão etnomusicológica sobre o projeto Tholl Alegria, desenvolvido entre 2016 e 2018 junto a pessoas em situação hospitalar em Pelotas (RS). A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou observação participante e descrição densa como procedimentos metodológicos, com registro em forma de anotações e fotografias. As práticas musicais realizadas majoritariamente por estudantes do curso de música da Universidade Federal de Pelotas, evidenciaram aproximações com a musicoterapia, a educação hospitalar e a educação musical em contextos não formais. A partir de referenciais como Lucy Green, Guimarães e Dolci & Molon, discute-se a potência educativa e sensível da música em ambientes de cuidado, apontando para interações estético-afetivas como formas de resistência e promoção de bem-estar em contextos de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Música hospitalar; Etnomusicologia; Fenomenologia da percepção; Acustemologia; Tholl Alegria.

AND THE CLOWN, WHAT IS IT...?

Fragments of the Experiences of the Tholl Alegria Project in Hospital Institutions in the City of Pelotas/RS

Abstract: This article presents an ethnomusicological reflection on the Tholl Alegria project, developed between 2016 and 2018 with people in hospital settings in Pelotas (RS). The qualitative research employed participant observation and thick description as methodological procedures, with records made in the form of notes and photographs. The musical practices, carried out mainly by students from the Music program at the Federal University of Pelotas, revealed connections with music therapy, hospital education, and music education in non-formal contexts. Based on theoretical frameworks such as Lucy Green, Guimarães, and Dolci & Molon, the article discusses the educational and sensitive potential of music in care environments, highlighting aesthetic-affective interactions as forms of resistance and the promotion of well-being in contexts of vulnerability.

Keywords: Hospital music; Ethnomusicology; Phenomenology of perception; Acoustemology; Tholl Alegria.

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar as experiências musicais vivenciadas no âmbito do projeto Tholl Alegria, promovido pela companhia circense Tholl, sediada na cidade de Pelotas (RS), entre os anos de 2016 e 2018. A iniciativa foi conduzida de maneira voluntária



por músicos e musicistas da região sul do Brasil, em sua maioria estudantes do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Pelotas, que atuaram junto a crianças em situação de hospitalização no Hospital São Francisco de Paula, da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), na Santa Casa de Misericórdia e na Beneficência Portuguesa.

A pesquisa está inserida no campo da Etnomusicologia, com foco nas interações entre práticas musicais e contextos sociais específicos, mais precisamente nas relações entre música, saúde e educação em ambientes hospitalares. Para a construção e análise dos dados, foram empregados os procedimentos da observação participante e da descrição densa (GEERTZ, 1973), de modo a captar as camadas simbólicas das experiências vividas e os significados atribuídos à música nas interações entre os participantes do projeto e o público atendido. A cada apresentação ou atividade realizada, foram feitos registros em forma de anotações de campo e registros fotográficos, com o cuidado de respeitar os limites éticos impostos pelo contexto hospitalar e pelas particularidades dos sujeitos envolvidos.

Ainda que os integrantes da equipe não possuíssem formação específica em Musicoterapia, as práticas desenvolvidas apresentavam características que dialogavam com os fundamentos desta área. A definição proposta pela União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM, 2006) compreende a Musicoterapia como a utilização da música e/ou de seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um profissional qualificado, com o objetivo de facilitar e promover a comunicação, aprendizagem, expressão e integração social, visando ao bem-estar físico, emocional, mental e cognitivo dos indivíduos, ou seja...

Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A Musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ ou restabelecer funções do indivíduo para que ele/ela possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida, pela prevenção, reabilitação ou tratamento (UBAM, 2006).

No que tange à dimensão educacional, as atividades realizadas com crianças hospitalizadas articulam-se com concepções contemporâneas de educação musical baseada na experiência e no contexto social da aprendizagem, conforme abordado por Lucy Green (2008). Segundo a autora, a aprendizagem musical em contextos não formais e informais – como bandas,

rodas de música, ou mesmo interações espontâneas com instrumentos – revela formas legítimas e eficazes de construção do saber musical, frequentemente desconsideradas pelos modelos escolares tradicionais. As práticas do projeto Tholl Alegria, por serem mediadas pela escuta, pela participação ativa e pelo afeto, aproximam-se do que Green conceitua como um processo de internalização intuitiva, colaborativa e situada da música, no qual o ensino ocorre por meio da prática, da observação e da vivência conjunta.

A proposta pedagógica desenvolvida também apoiou-se nos princípios da educação hospitalar, entendida como um direito fundamental da criança e do adolescente em situação de internação. Conforme apontado por Guimarães (2012), a hospitalização não deve interromper o desenvolvimento biopsicossocial dos sujeitos, sendo necessário oferecer estímulos organizados, afetivos e lúdicos, que respeitem sua condição física e emocional. A autora enfatiza que o brincar e a estimulação sensorial são essenciais para a preservação dos direitos infantis e para a continuidade do processo de desenvolvimento. Nesta perspectiva, a música atua como mediadora simbólica que favorece tanto o bem-estar quanto a aprendizagem, ainda que fora do espaço escolar convencional, pois...

[...] Considerando que mesmo hospitalizada a criança deve ter preservados seus direitos a brincar e à estimulação, faz-se necessário não apenas o desenvolvimento de tecnologia comportamental adequada à situação hospitalar, mas também a inclusão efetiva do psicólogo na equipe de saúde. (GUIMARÃES, 2012 p.1).

A este respeito, a prática musical em ambientes hospitalares pode ser compreendida como uma forma de educação sensível e relacional, que se insere nos princípios da educação estético-ambiental (DOLCI; MOLON, 2018), concebida como um processo emancipador que articula sentidos, cuidado e ação política. O desenvolvimento dos sentidos, conforme esta abordagem, é condição fundamental para a constituição de relações éticas e estéticas com o outro e com o ambiente. Assim, as experiências do projeto Tholl Alegria promovem a escuta, a ludicidade e a expressividade em contextos de vulnerabilidade, produzindo encontros significativos entre arte, educação e cuidado.

Como destaca Fonterrada (2008), práticas de educação musical devem estar em sintonia com os hábitos, valores e visões de mundo de sua época. Assim sendo, as ações do projeto Tholl Alegria evidenciam uma pedagogia sensível à singularidade dos sujeitos, sustentada por um fazer



musical coletivo, afetivo e responsivo, consonante com os princípios da etnomusicologia aplicada, da pedagogia crítica e da educação musical contemporânea.

2. Fundamentação Teórica

A escuta musical, enquanto experiência estética, afetiva e incorporada, tem sido objeto de reflexão em distintas áreas do conhecimento, incluindo a Etnomusicologia, a Fenomenologia da percepção, a Acustemologia, a Educação Musical e os estudos sobre música e saúde. A articulação entre estes campos permite compreender a prática musical não apenas como expressão artística, mas como acontecimento sensível e relacional, dotado de potencial formativo, terapêutico e comunitário, especialmente em contextos hospitalares.

Do ponto de vista da fenomenologia da percepção, proposta por Maurice Merleau-Ponty (1999), a escuta é concebida como experiência vivida, na qual o corpo é instância ativa de percepção. Escutar é um ato encarnado que envolve sentidos, memória e afeto. A musicalidade, portanto, se realiza como forma de habitar o espaço e o tempo por meio do som. Em ambientes hospitalares, esta percepção é intensificada: o corpo adoecido escuta de outro modo; o silêncio institucional e os ruídos técnicos tornam-se paisagem, e a inserção de sons musicais reorganiza a experiência vivida, promovendo momentos de presença sensível.

Esta abordagem fenomenológica converge com os pressupostos da acustemologia, conceito formulado por Steven Feld (1990, 1996), que compreende o som como meio de conhecimento situado e relacional. Escutar, neste contexto, é uma forma de saber e de estar no mundo. Nos ambientes hospitalares, a paisagem sonora é marcada por sons repetitivos e impessoais (máquinas, alarmes, passos apressados), configurando um cenário de controle. A introdução da música — mesmo que informal — promove deslocamentos nesta paisagem acústica, abrindo espaço para experiências mais humanas, afetivas e lúdicas.

No campo da Etnomusicologia, tais experiências sonoras são compreendidas como práticas culturais encarnadas e contextualmente significadas. A observação participante e a escuta etnográfica tornam-se métodos fundamentais para captar a dimensão sensorial e simbólica das práticas musicais. A presença do pesquisador enquanto músico e agente performático implica uma escuta envolvida, que reconhece o som como parte constitutiva das interações sociais, e não como mero dado a ser analisado (Stokes, 1994). A prática sonora é, assim, um campo de produção de sentido, afetos e vínculos.

Neste sentido, mesmo que as atividades desenvolvidas no projeto Tholl Alegria não configurem uma atuação formal de musicoterapia, há nelas elementos que dialogam com esta prática, sobretudo em sua função de cuidado e reorganização sensível do ambiente. A definição da União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM, 2006) aponta para o uso da música como meio terapêutico voltado à promoção de saúde integral. Ainda que sem mediação técnica especializada, a presença da música no hospital afeta positivamente os estados emocionais e fisiológicos dos pacientes, conforme apontam Hatem, Lira e Mattos (2006), bem como Gatti e Silva (2007).

Quando se trata de ações voltadas a crianças em hospitalização, destaca-se a interface com a educação musical estética-ambiental, conforme delineada por Dolci e Molon (2018), em diálogo com Fonterrada (2008). Tal abordagem compreende a música como prática formativa sensível, situada historicamente e capaz de promover experiências significativas no desenvolvimento infantil. A dimensão estética é entendida como condição para a educação ambiental, em um processo de simbiose entre o sentir, o agir e o aprender.

É neste ponto que as ideias de Lucy Green (2001, 2008) contribuem de forma decisiva para ampliar a compreensão das práticas desenvolvidas. Em suas investigações sobre aprendizagem musical em contextos informais, Green destaca que crianças e jovens aprendem música com base na escuta ativa, na imitação e na prática colaborativa, muitas vezes fora das estruturas convencionais de ensino. A autora enfatiza a importância do aprendizado musical como experiência vivida, baseada na familiaridade com os sons e na agência dos sujeitos envolvidos.

No contexto do projeto Tholl Alegria, estas proposições revelaram-se especialmente pertinentes. As ações musicais com crianças hospitalizadas eram permeadas por improviso, ludicidade e envolvimento afetivo, configurando um campo de aprendizagem sensível onde a escuta era o primeiro elo — um tipo de educação musical não formal, intuitiva e compartilhada, nos moldes descritos por Green. Tal prática favorecia a emergência de vínculos sonoros e expressivos, valorizando o repertório cultural das crianças e reconhecendo sua capacidade de criar, experimentar e transformar a experiência hospitalar por meio do som.

Assim, a fundamentação teórica deste estudo se apoia em uma perspectiva integradora, na qual o som é compreendido como forma de conhecimento, cuidado e aprendizagem. A música, neste cenário, não apenas comunica ou embeleza o espaço, mas produz deslocamentos na



percepção, reorganiza relações e potencializa formas de viver o sensível — mesmo (ou sobretudo) em contextos de vulnerabilidade.

3. Metodologia

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, inserida no campo da Etnomusicologia, com ênfase na compreensão das práticas musicais a partir das experiências vividas em contextos específicos através de abordagens de cunho etnográfico e sensorial, tal como delineada por Pink (2009). Entendo que a referida postura epistemológica, fundamenta-se na fenomenologia da percepção, conforme desenvolvida por Merleau-Ponty (1999). Tais referenciais sustentam a ideia de que o conhecimento se constrói na e pela experiência sensível e incorporada, sendo a percepção um modo de acesso ao mundo carregado de significados culturais.

A fenomenologia da percepção ofereceu subsídios teóricos para a análise das relações entre corpo, som, ambiente e afetividade, possibilitando o entendimento da música não apenas como objeto auditivo, mas como experiência vivida, intersubjetiva e situada. Por sua vez, a etnografia sensorial propôs uma atenção ampliada aos modos de sentir e interpretar os fenômenos musicais no campo, reconhecendo os múltiplos sentidos envolvidos nas práticas musicais em ambientes de cuidado.

A construção do conhecimento ocorreu a partir da imersão direta em experiências artísticas vinculadas ao projeto Tholl Alegria, que articulou práticas musicais e circenses em instituições hospitalares da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, entre os anos de 2016 e 2018, com maior intensidade em 2017, desta maneira, o referencial metodológico adotado fundamentou-se na etnografia sensorial, tal como proposta por autores como Pink (2009) e Stoller (1997), priorizando a percepção encarnada e multisensorial dos sujeitos envolvidos nas práticas culturais. Esta abordagem considera o corpo como lugar de produção de conhecimento e valoriza a escuta como forma de compreender as relações sociais, afetivas e simbólicas estabelecidas no campo. Assim, o processo de pesquisa não se restringiu à coleta de dados objetivos, mas envolveu também dimensões subjetivas da experiência, como sentimentos, afetos, atmosferas e gestualidades.

A principal técnica utilizada foi a observação participante, na qual o pesquisador se engaja diretamente nas atividades do campo, vivenciando-as ao lado dos demais participantes.



Este método permitiu captar as nuances das interações musicais e performativas em seus contextos naturais, possibilitando uma compreensão mais profunda das dinâmicas sensoriais e emocionais emergentes nas intervenções hospitalares. Além disto, foram utilizados diários de campo como instrumento sistemático de registro das experiências vividas, bem como anotações baseadas na memória sensível, que contribuíram para reconstruir aspectos intangíveis das práticas observadas.

Os dados foram construídos por meio da observação participante e da descrição densa (GEERTZ, 1973), durante a execução das atividades do projeto Tholl Alegria no Hospital São Francisco de Paula, da UCPEL, na Santa Casa de Misericórdia e na Beneficência Portuguesa. A cada apresentação musical ou intervenção realizada, foram feitos registros sistemáticos em forma de anotações de campo e registros fotográficos, respeitando-se os princípios éticos da pesquisa em contextos hospitalares e a privacidade dos sujeitos envolvidos.

O pesquisador, um dos agentes das intervenções, enquanto participante das ações musicais, vivenciou de forma direta as interações entre músicos, crianças hospitalizadas, profissionais da saúde e familiares, o que permitiu uma escuta atenta às expressões corporais, afetivas e sonoras presentes nestes encontros. A triangulação entre os registros escritos, visuais e perceptivos permitiu a construção de um corpus analítico sensível às dimensões estéticas, relacionais e pedagógicas do projeto.

A documentação também incluiu a coleta de imagens fotográficas, que serviram como suporte complementar na rememoração dos eventos e na análise das ações desenvolvidas. Contudo, em razão do contexto sensível em que se deu a pesquisa — envolvendo pacientes em situação de vulnerabilidade, especialmente crianças —, nem todas as imagens captadas serão apresentadas neste trabalho, em atenção aos princípios éticos de privacidade, dignidade e consentimento informados.

No contexto da Etnomusicologia, a escuta foi mobilizada como ferramenta epistemológica central, conforme argumentam Feld (1990) e Seeger (2008). A prática musical em ambientes hospitalares foi compreendida não apenas como produção sonora, mas como ato comunicativo e relacional, atravessado por corporalidades, afetos e regimes de cuidado. Desta forma, o campo foi concebido como um espaço relacional, conforme a noção bourdieusiana de campo (BOURDIEU, 1989), implicando em disputas simbólicas, negociações e posicionamentos subjetivos.



A pesquisa respeitou os princípios éticos da convivência em campo, preservando a integridade e o anonimato dos sujeitos envolvidos nas ações do projeto, especialmente considerando a vulnerabilidade de crianças hospitalizadas e seus acompanhantes. O envolvimento ético-estético do pesquisador foi orientado por uma postura de escuta atenta, sensível e respeitosa, alinhada às práticas do cuidado e da ludicidade que marcaram as intervenções analisadas.

Desta forma, a metodologia adotada visou compreender o fenômeno musical em sua complexidade, incorporando elementos sensoriais, afetivos e sociais, em consonância com os princípios da etnomusicologia contemporânea e da pesquisa qualitativa comprometida com a experiência vivida no campo.

4. A Experiência do Tholl Alegria

Este capítulo apresenta um relato de experiência do projeto intitulado Tholl Alegria, realizado pela companhia circense Tholl, sediada na cidade de Pelotas (RS), entre os anos de 2016 e 2018, com ênfase nas atividades desenvolvidas no ano de 2017. A iniciativa contou com a participação voluntária de músicos e musicistas da região sul do estado, em sua maioria estudantes do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).



Imagem 1 – Integrantes da Companhia



Fonte: Registro de Campo

O projeto consistiu em intervenções artístico-musicais em instituições hospitalares da cidade de Pelotas, especificamente na Santa Casa de Misericórdia, no Hospital São Francisco de Paula e na Beneficência Portuguesa. As ações ocorriam semanalmente, com alternância entre os hospitais, de forma que cada instituição era visitada a cada três semanas, aproximadamente.

As intervenções, desenvolvidas a partir de uma perspectiva situada e sensível ao contexto, envolviam performances musicais, canto, brincadeiras, interações cênicas e sonoras, na totalidade das alas hospitalares, e em praticamente todos os quartos, não sendo autorizada a inserção somente em unidades de tratamento intensivas (UTI), tanto adulta quanto pediátrica, ou em momentos de atividades médicas de caráter emergencial. Ainda assim, em situações pertinentes, as UTI's também foram visitadas.



Imagem 2 - Corredores do Hospital São Francisco de Paula



Fonte: Registro de Campo

A presença dos personagens circenses da Companhia Tholl, com figurinos característicos e coloridos, potencializava a ludicidade do projeto, estimulando o encantamento das crianças e dos acompanhantes. A construção deste espaço expressivo e acolhedor pode ser compreendida como um campo acústico de experiência estética e social, no qual os sons, os gestos e os afetos emergem de maneira inter-relacional, conforme propõe Feld (2015) com o conceito de acustemologia, que articula conhecimento e som como forma de compreensão do mundo.

A percepção sensível e o engajamento dos performers com os corpos e estados dos sujeitos hospitalizados remetem à ideia de uma corporeidade vivida, tal como desenvolvida por Merleau-Ponty (1999). A atuação musical nos hospitais não se dava apenas pela escuta auditiva, mas por uma escuta encarnada, em que os corpos reagiam, expressavam-se e se transformavam no encontro com o outro. Cada visita constituía-se como uma vivência fenomenológica única,



marcada por variações emocionais, hospitalizações diversas e imprevisibilidade, o que exigia atenção à situação presente e ao ambiente sensível do hospital.

Imagem 3 - Integrantes da Companhia no CT do Tholl



Fonte: Registro de Campo

Dentre os hospitais visitados, apenas o Hospital São Francisco de Paula dispunha de um espaço reservado para a socialização de crianças hospitalizadas. A partir do reconhecimento deste espaço, as visitas passaram a incluir práticas de educação musical adaptada, com atividades como percussão corporal, jogos rítmicos com instrumentos simples, canto coletivo, improvisações vocais e interações com xilofones. Estas ações estavam organizadas em torno da abertura ao imprevisto e da escuta do momento, respeitando as condições emocionais e físicas dos participantes (pacientes e cuidadores), atividades coletivas pensadas para crianças das mais variadas faixas etárias, uma vez que não se tinha a informação sobre as hospitalizações de maneira prévia.



Imagem 4 - Integrantes da Companhia no Hospital São Francisco de Paula



Fonte: Registro de Campo

No contexto da etnomusicologia, este projeto pode ser compreendido como uma prática musical situada, que requereu um olhar atento aos usos sociais da música e à experiência coletiva da escuta. A observação participante, aqui incorporada tanto pelo envolvimento dos performers quanto pela imersão nos ambientes hospitalares, configurou-se como método e ética de aproximação com o campo sonoro-humano. A música não era apenas apresentada: era vivida em relação, constituindo um campo sensório e afetivo compartilhado.

A escolha do repertório musical também era guiada por uma ética do cuidado. Diante da vulnerabilidade dos pacientes hospitalizados, especialmente crianças, evitavam-se canções que evocassem tristeza, perda ou sofrimento. Em consonância com Green (2008), entende-se que o ambiente não formal e emocionalmente carregado demanda práticas pedagógicas e performáticas sensíveis à escuta, à participação e à subjetividade dos envolvidos. A autora destaca a importância de estratégias de aprendizagem baseadas na escuta ativa, na experiência coletiva e no



prazer musical – elementos que estavam presentes nas ações do Tholl Alegria, mesmo fora de contextos formais de ensino.

Assim, a experiência vivida neste projeto revelou a potência das práticas musicais em ambientes de cuidado, não apenas como entretenimento, mas como mediação entre sujeitos, sensações e formas de estar no mundo. Ao unir arte, corporeidade e escuta, o Tholl Alegria demonstrou como a música, o som e a presença podem produzir vínculos, deslocamentos e possibilidades de significação em espaços marcados pela dor, pela espera e pelo silêncio institucional.

5. Conclusões

As experiências analisadas no âmbito do projeto Tholl Alegria evidenciam o potencial transformador da música quando inserida em ambientes de cuidado, como instituições hospitalares. As ações desenvolvidas entre os anos de 2016 e 2018, especialmente em 2017, demonstraram que práticas musicais sensíveis, colaborativas e afetivas podem funcionar como mediações potentes para a criação de vínculos, a reorganização sensorial do ambiente hospitalar e a promoção de bem-estar entre crianças hospitalizadas e seus acompanhantes.

A partir de uma abordagem etnográfica e sensorial, a pesquisa sustentou-se metodologicamente na observação participante e na descrição densa, valorizando a escuta como ferramenta epistemológica. A escuta foi compreendida não apenas como ato auditivo, mas como forma encarnada de presença, em consonância com os princípios da fenomenologia da percepção (MERLEAU-PONTY, 1999) e da acustemologia (FELD, 1990, 1996). Esta perspectiva permitiu acessar camadas profundas da experiência estética, relacional e educativa que atravessaram as intervenções musicais realizadas nos hospitais.

O referencial teórico adotado também dialogou com contribuições da educação musical em contextos não formais, como as de Lucy Green (2001, 2008), que ressaltam a importância da aprendizagem musical baseada na experiência, na escuta ativa e na participação colaborativa. Ao mesmo tempo, os princípios da educação hospitalar (GUIMARÃES, 2012) e da educação estético-ambiental (DOLCI; MOLON, 2018) forneceram suporte conceitual para compreender as práticas desenvolvidas como experiências formativas, éticas e sensíveis, mesmo fora do espaço escolar tradicional.



Embora não se trate de uma ação formal de musicoterapia, o projeto apresentou aproximações com esta área, especialmente no que diz respeito à promoção da saúde integral e ao cuidado simbólico por meio da música (UBAM, 2006; HATEM; LIRA; MATTOS, 2006). As intervenções artísticas revelaram a música como agente de deslocamento na paisagem sonora hospitalar, abrindo espaço para novas formas de escuta, expressão e significação em um ambiente marcado pela rigidez institucional e pela vulnerabilidade humana.

A análise das práticas do Tholl Alegria permitiu reconhecer a potência da etnomusicologia aplicada como campo de ação e reflexão, capaz de articular pesquisa, arte e intervenção social. O projeto contribuiu para ampliar o entendimento das práticas musicais como atos de resistência, cuidado e afeto, reforçando o papel da música na construção de experiências partilhadas e no fortalecimento de subjetividades em contextos adversos.

Portanto, esta investigação reafirma a relevância de práticas musicais sensíveis e contextualmente situadas, bem como o papel fundamental da escuta etnográfica e da presença performativa na produção de conhecimento. A música, neste cenário, não apenas entretém: ela comunica, transforma e cuida — constituindo-se como linguagem vital nos territórios da saúde, da infância e da dignidade humana. Neste breve relato, fica o registro de um tempo de alegria, de “Tholl Alegria”, da certeza da colaboração com a recuperação de jovens pacientes, e a clareza de anteriormente não se ter a dimensão do trabalho realizado, deixando para trás a possibilidade de ampliá-lo, mas, contudo, a vontade de revivê-lo e qualificá-lo a partir da atualidade no auxílio e ampliação das reflexões e ações para com jovens e crianças e condição hospitalar.



Imagem 5 - Integrantes da Companhia no CT do Tholl



Fonte: Registro de Campo

6. Referências

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

DOLCI, Luciana; MOLON, Susana Inês. Educação Estético-Ambiental: o que revelam as dissertações e teses defendidas no Brasil. *Revista Ibero-americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 13, n. 2, p. 785-806, 2018. DOI: 10.21723/riaee.v13.n2.2018.9656.

FELD, Steven. Acustemologia. A escuta como modalidade de saber. In: OCHOA GAUTIER, A. M. (Org.). *Etnografias Sonoras*. São Paulo: SESC Edições, 2015.

_____. *Sound and Sentiment: Birds, Weeping, Poetics, and Song in Kaluli Expression*. 2. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1990.

_____. *Waterfalls of Song: An Acoustemology of Place Resounding in Bosavi, Papua New Guinea*. In: FELD, Steven; BASSO, Keith H. *Senses of Place*. Santa Fe: School of American Research Press, 1996.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

GATTI, Maria Fernanda Zorzi; SILVA, Maria Júlia Paes da. Música ambiente em serviço de emergência: percepção dos profissionais. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, v.15, n.3, p.377-383, 2007.



GEERTZ, C. A. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

GREEN, Lucy. *How Popular Musicians Learn: A Way Ahead for Music Education*. Aldershot: Ashgate, 2001.

_____. *Music, Informal Learning and the School: A New Classroom Pedagogy*. Aldershot: Ashgate, 2008.

GUIMARÃES, Suely Sales. A Hospitalização na Infância. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 4(2), p. 102–112, 2012.

HATEM, T.P.; LIRA, P.I.; MATTOS, S.S. Música e seus efeitos sobre os sinais vitais de recém-nascidos. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v.6, n.2, p. 189-194, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PINK, Sarah. *Doing Sensory Ethnography*. London: SAGE Publications, 2009.

SEEGER, Anthony. *Why Suyá Sing: A Musical Anthropology of an Amazonian People*. Urbana: University of Illinois Press, 2008.

STOKES, M. *Ethnicity, Identity and Music: The Musical Construction of Place*. Oxford: Berg, 1994.

STOLLER, Paul. *Sensuous Scholarship*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1997.

UBAM. Definição de Musicoterapia. *Revista Brasileira de Musicoterapia*. Rio de Janeiro: UBAM, Ano I, n.2, 2006.